



Memórias e Trajetórias de Vida

TRAJETÓRIA DE UM IMIGRANTE NO SUL DO BRASIL: FRIEDRICH CHRISTIAN KLINGLHOEFFER (1826 – 1838)

Trajectory of an immigrant in southern Brazil: (1826-1838)
Trayectoria de un inmigrante en el sur de Brasil: (1826-1838)

José Edimar Souza ¹

1. Mestrando
em Educação -
UNISINOS.

SOUZA. José Edimar. Trajetória de um imigrante no Sul do Brasil: Friedrich Christian Klinglhoeffter (1826-1838) . *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 01, p. 75-87, 2012

Resumo

A pesquisa analisa os motivos que teriam levado um “cura de almas” a empunhar armas contra o Império Brasileiro, no primeiro quartel do século XIX. Friedrich Christian Klinglhoeffter, popularmente conhecido como “Pastor Farrapo”, com seu envolvimento na Revolução Farroupilha passou a ser conhecido como pastor mártir da causa republicana no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave

Biografia histórica, história regional, imigração alemã, Revolução Farroupilha, Friedrich Christian Klinglhoeffter.

Abstract

The research analyzes the reasons that would have taken a “cure of souls” to take up arms against the Brazilian Empire in the first quarter of the nineteenth century. Friedrich Christian Klinglhoeffter, popularly known as “Pastor Farrapo”, with its involvement in Farrington Revolution came to be known as pastor martyr of the Republican cause in Rio Grande do Sul also is recognized as the “First War Chaplain by the Brazilian Army”, for being the first foreigner to serve in a religious war.

Key-words

Historical biography, regional history, German immigration, Revolução Farroupilha, Friedrich Christian Klinglhoeffter.

Resúmen

El estudio examina los motivos que habría tenido un “cura de almas” a tomar las armas contra el Imperio del Brasil en el primer trimestre del siglo XIX. Friedrich Christian Klingelhoetter, conocido popularmente como “Pastor Farrapo”, con su participación en la Revolución Farroupilha y llegó a ser conocido como mártir pastor de la causa republicana en Rio Grande do Sul.

Palabras-clave

Biografía histórica, la historia regional, la inmigración alemana, Revolução Farroupilha, Friedrich Christian Klingelhoetter

Introdução

A pesquisa, cujo objetivo é recompor fragmentos da trajetória de um imigrante do século XIX que teve importante participação na Revolução Farroupilha (1835-1845), de relevância local para o Vale dos Sinos. Pretende-se reconstruir aspectos da trajetória biográfica de Klingelhoetter, pastor, soldado, colono. Entende-se que “[...] as biografias são apenas as roupas e os botões da pessoa.

A vida da própria pessoa não pode ser escrita” (SCHMIDT, 2004, p. 142-143). Dessa forma, como propõem Bourbieu (1996) ao se reconstruir uma trajetória de vida observa-se as limitações impostas pela “ilusão biográfica” da recomposição, pela pesquisa, de toda uma vida, portanto, o que se constrói representa uma possibilidade de leitura para se compreender e interpretar o passado.

Emboscados motivos que justificam o interesse por essa pesquisa, desde a infância, a rua “Pastor Farrapo”, no centro do município de Campo Bom, despertara minha curiosidade. O desconhecimento da comunidade sobre a memória de Klingelhoetter talvez tenha colaborado para este estudo, uma vez que estamos em constante mudança e particularmente nos dias de hoje elas acontecem tão rápido que quase não temos tempo de refletir, ou mesmo de registrar na memória os acontecimentos. A chamada globalização é um fenômeno universal.

Porém, nós só conseguimos viver o nosso planeta, se soubermos o que aconteceu e o que acontece no “nosso pedaço”, naquele que ou nascemos, ou escolhemos para viver. Pesquisar Klingelhoetter é uma tentativa de atualizar nossa memória e nossa cultura. Este é um processo em construção, como a própria vida, não tem um ponto de chegada, estamos o tempo todo aprendendo, ensinando, interpretando e produzindo conhecimentos.

Contudo, este estudo quer lembrar, a partir da figura de Klingelhoetter,

a história da comunidade campo-bonense percebendo sua trajetória singular entrelaçada à história coletiva. Com certeza, não só Klingelhoefter, mas os colonos imigrantes que participaram como ele do desenvolvimento local e colaboram para o progresso de nosso país merecem reconhecimento que transcenda “lugares de memória” (NORA, 1993).

Caminhos metodológicos

A História é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e novos projetos para o presente e para o futuro. Dessa forma, o passado que estudamos é uma construção. Essa construção é, em princípio, tão válida quanto à outra, quer possa ser apoiada pela lógica e por evidências, quer não. O exercício de escrita da História pressupõe a elaboração de um discurso sobre o passado, o historiador a faz como expectativa de resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos.

Preservar a memória histórica significa preservar a alma de uma comunidade humana com fatos importantes. “[...] O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em processo, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa” (BLOCH, 1997, p. 17). Assim, as formas para perscrutar e construir o conhecimento representam a perspectiva dinâmica do tempo sendo relevantes as marcas de memórias registradas e analisadas na revisão bibliográfica e na entrevista oral.

Esta pesquisa é um ensaio de revisão bibliográfica, e os novos estudos devem somar-se. Mesmo que a fonte principal tenha sido a bibliográfica utilizou-se da História Oral, com a entrevista ao tetraneto de Klingelhoefter no intuito de complementar e acrescentar dados a investigação. Ainda localizaram-se documentos ditos oficiais, no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, incorporados ao estudo no sentido de entrecruzar fontes na reconstrução da trajetória deste Pastor-soldado.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que, no Brasil, tem sido amplamente utilizada na área dos estudos culturais por sociólogos, antropólogos e historiadores. No panorama mundial, a iniciativa pioneira de estudos dessa natureza ocorreu com as gravações realizadas por Allan Nevins, nos Estados Unidos, ao final da década de 1940. Por motivos ainda pouco explorados, a utilização da História Oral ocorreu tardiamente em alguns países,

dentre os quais o exemplo mais notável é o caso da França, berço da maior revolução na historiografia – a escola dos Annales. No Brasil, embora haja registros de pesquisas desenvolvidas segundo essa abordagem em tempos mais remotos, a Associação Brasileira de História Oral é fundada em 1975 e a aplicação desse recurso por universidades e outras instituições é flagrante a partir da década de 1980.

A opção pela abordagem da História Cultural, conhecida, em um primeiro momento como “Nova História” em contraste com a “antiga” considera aspectos da experiência de vida e o contexto em que se construíram. A nova corrente historiográfica da História Cultural, ou seja, a Nova História Cultural se constituiu a partir da história francesa dos Annales, apresentando-se como uma abordagem para se pensar a ciência histórica, considerando a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 32). Dessa forma, buscou-se apreender os mais amplos dados para compreensão de Klingelhoetter, através dos aspectos: econômico, social e da vivência cotidiana, considerando sua função para a compreensão da história da comunidade. A história se constrói de ações simultâneas e múltiplas num determinado ambiente.

A trajetória de um sujeito deve ser abordada no contexto, sendo ele criador das práticas culturais que dela resultam. Chartier (2002, p. 25) compreende que cada micro história pretende reconstruir, a partir de uma situação particular a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem. Portanto, são objeto da história as relações sociais que definem as estratégias executadas pelas comunidades, parentelas, famílias, indivíduos. Investiga-se, contudo, como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de diferentes indícios, sinais e sintomas. Destacando-se os aspectos que pretendem explicar como um determinado comportamento se estrutura coerente e significativamente numa “forma de vida”.

Utiliza-se como ‘ferramentas’ metodológicas para reconstrução do espaço-tempo dessa trajetória, do ponto de vista da revisão bibliográfica, as referências feitas a Klingelhoetter por Hunsche (1977), Amado (2002), Dreher (2002), Lang (1996), Reis (1994) que reúnem os estudos mais expressivos sobre o Pastor Farrapo e a perspectiva teórico-metodológico que orienta a escrita

desta pesquisa. Dessa forma, vali-me das referências feitas a Klingelhoefter ampliando a discussão sobre os motivos que teriam levado este Pastor a apoiar a causa liberal-farroupilha.

Diante da Revolução Farroupilha e das idéias de justiça e liberdade proporcionadas pelos “farroupilhas”, Klingelhoefter (Pastor Farrapo) se engaja na revolução, percebendo nessa, uma oportunidade para realizar os objetivos que vinha nutrindo desde o momento de sua chegada no Brasil, quando se deparou com muitas promessas não cumpridas pelo governo.

Klingelhoefter – Trajetória na Alemanha

Quando da chegada de Klingelhoefter no Brasil (1826), o cenário político encontra-se repleto de agitações. É o momento do nascimento do primeiro Império e também da transformação econômica do país recentemente independente. No Rio Grande do Sul as dificuldades e precariedades criam inconvenientes para o projeto imigratório. A situação adversa encontrada por Klingelhoefter alimenta desde o início as decepções com o governo imperial.

Por intervenção do Major Jorge Antônio Von Schaeffer, ‘Agent d’Affaires Politiques’, de D. Pedro I, preocupado com o atendimento médico e religioso dos seus colonos, chega no período de 1824 até meados de 1826 à Colônia Alemã de São Leopoldo, três médicos com curso acadêmico e três curas de almas para o grande número de imigrantes de religião evangélica. João Jorge Ehlers (1824), Carlos Leopoldo Voges (1825) e Friedrich Christian Klingelhoefter (1826). Os alemães que colonizaram o Brasil são provenientes de diversos Estados Alemães, dos quais Württemberg, Mecklemburgo, Hamburgo, Lübeck, Bremen e Palatinado, porém, a propaganda imigratória parece receber maior destaque na região do Grão-Ducado de Hessen-Darmstadt, local de onde parte, em 1825, Klingelhoefter e sua família.

Friedrich “Christian” Klingelhoefter, nasceu em 15 de setembro de 1784 em Battenberg, no então Ducado-Eleitoral de Hessen-Kassel, irmão gêmeo de August “Karl”. Era o segundo de cinco filhos do conselheiro florestal (Forstrat) Friedrich “Ludwig” Klingelhoefter (1740-1812) e de Karoline Frederike Schlechter (1765-1832), filha de um alto funcionário da corte grão-ducal de Hessen-Darmstadt (‘Fürstlich Hessen-Darmstädtischer Hofrat und Vogt’). Casou entre 1810 e 1811, em Buchenau com Luise Stapp, nascida em 07 de dezembro de 1794, em Biedenkopf, Ducado de Nassau. De fevereiro de 1809 até fevereiro de 1819, exerceu seu primeiro pastorado em Buchenau,

sendo depois transferido para Bobenhausen, perto de Ulrichstein, onde cuidava, também, das comunidades de Petersheyner Hof e de Rappelsmühle. Em Bobenhausen permaneceu até 1825, quando emigrou para o Brasil.

Klingelhoeffer criou-se no seio de uma família nobre da elite de Hessen-Kassel. Indivíduo eminentemente letrado possuía formação acadêmica em Teologia pela Universidade de Giessen, Hessen-Kassel, sendo o quarto pastor evangélico a vir para o Brasil e o terceiro para o Rio Grande do Sul.

[...] o Pastor Klingelhoeffer em Bobenhausen foi, nas suas horas vagas, um assíduo caçador, um verdadeiro Nenrod. Certo dia, exercendo essa mui nobre ocupação, entrou em conflito com o guarda-bosque Reitz, mais tarde mestre-de-bosque em Dieburg, e conta-se que teriam disparado tiros um contra o outro. Em consequência disso, ambos teriam obtido meio ano de reclusão na praça forte de Bobenhausen. Para evitar complicações posteriores, o pastor, amante da caçaria, teria emigrado para o Brasil (HUNSC, 1977, p. 345).

Tal incidente talvez explique, em parte, o envolvimento do orgulhoso e impetuoso pastor a abraçar, com tanto fervor, a causa do ideal farrapo: remanescentes de insatisfações para com a sociedade pela qual se sentia ferido. Além de sentir-se marcado diante da comunidade em que exercia seu pastoreio e das autoridades Eclesiásticas e Cívicas, talvez contribuindo para sua decisão pela imigração.

Um aspecto importante para compreender o envolvimento deste pastor-colono na Revolução Farroupilha deve-se ao fato de ter ficado esperando, mais de dois meses, na capital do jovem Império, “perto da corte” a fim de obter, diretamente do Imperador, as terras (uma sesmaria) que lhe haviam sido prometidas e nunca negadas. D. Pedro, porém, naqueles meses inquietos em que ainda estava em jogo a separação política de Portugal, ocupava-se da sua importante viagem de pacificação à Bahia, da qual voltaria só em abril de 1826. Klingelhoeffer, já decidido a estabelecer-se no sul do país (nas margens do Rio Jaguarão), postergou várias vezes a sua partida a Porto Alegre, até, finalmente, embarcar no dia 15 de fevereiro de 1826, na “sumaca ligeira”, uma embarcação pequena e, como já indicava o nome, ligeira, que transportava, além da família pastoral, conforme consulta ao Arquivo Público

do Rio Grande do Sul, quatro escravos, o que era incomum aos imigrantes alemães naquela época.

O Pastor Klingelhoefter e os primórdios de Campo Bom

A história de Campo Bom, região do Vale dos Sinos (Rio Grande do Sul) está vinculada à história da comunidade Evangélica Luterana. Os imigrantes trouxeram para Campo Bom hábitos de uma vida religiosa intensa, tanto do lado protestante quanto do católico. Como em toda região de colonização alemã, também a educação e a escola foram desde o princípio uma das maiores preocupações.

Na colônia de São Leopoldo, estava a comunidade de Campo Bom, que em pouco tempo passa a ocupar um espaço privilegiado no que diz respeito ao trabalho dos artesãos especializados. O lugarejo era passagem garantida dos tropeiros, no qual, devido à vegetação ali existente faziam paradas obrigatórias. Dessa forma, a comunidade vai ganhando corpo e o 'Travessão – Strassendorf' (atual Av. Brasil) tornou-se um espaço importante com a fundação da Igreja- Escola da comunidade.

A família Klingelhoefter chega na Colônia Alemã de São Leopoldo em 17 de abril de 1826 e o Pastor Klingelhoefter recebeu um lote de 77 ha. Como qualquer outro 'colono' ficou nos confins da 'Costa da Serra' em Campo Bom, entre as terras de João Blos e João Vetter. Todas as recomendações e vantagens do seu 'status' de nada lhe serviram. Registra-se que o pastor chegara num momento inoportuno visto que [...] José Feliciano Fernandes Pinheiro, o grande idealizador da colonização germânica, já não era mais Presidente da Província e seu sucessor era inexperiente, ineficiente e de atitudes duvidosas (HUNSCHE, 1977, p. 348).

Em maio de 1829, alegando a grande distância e a região pantanosa a ser atravessada para participar do culto, 243 colonos do lado oeste do Rio dos Sinos enviaram uma petição ao Governo Imperial, solicitando que o Pastor Frederico Cristiano Klingelhoefter, atuando há algum tempo ao lado do pastor Ehlers, fosse confirmado como pastor daquela região, sendo também remunerado pelo Governo. Com a oficialização do cargo houve a primeira

separação na Comunidade Evangélica de São Leopoldo.

Klingelhoefter parece ter se dedicado até 1827 exclusivamente à lavoura, passando a partir de então, a atender, por iniciativa própria, a vida espiritual e religiosa dos seus conterrâneos protestantes, limitando-se a não entrar em conflito com o Pastor Ehlers na Fitoria Velha. Atendendo aos colonos evangélicos de Campo Bom, Hamburgo Velho, Dois Irmãos, Bom Jardim (hoje Ivoti) e Estância Velha, povoações em formação no lado direito do Rio dos Sinos. A separação das colônias do lado esquerdo e direito deu-se somente em 1829, depois da construção, em 1828, em Campo Bom, da primeira igreja evangélica do Rio Grande do Sul, com recursos próprios do pastore o auxílio de alguns paroquianos. As terras do cemitério foram doadas por Jacob Dreyer e Pedro Hirt, que apesar de católico doou o terreno onde se construiu a Igreja de madeira, mais tarde substituída por outra de alvenaria.

Cabe ao Pastor Klingelhoefter o mérito de ter sido junto com os seus fiéis o construtor da primeira Igreja de culto protestante no Rio Grande do Sul. Na igreja de Klingelhoefter, aos domingos, se realizavam o culto divino e, nos dias da semana, funcionava uma escola, cujo mestre era o próprio pastor.

Klingelhoefter também exercia, no intervalo do trabalho comunitário, a profissão de colono, sendo morador do “Morro das Pulgas” (atual Bairro Rio Branco, de Campo Bom). Possuía sua residência próxima ao atual Campo Esportivo do Oriente, localizada entre as propriedades de João Blos e João Vetter. O trabalho agrícola visava complementar, seus esparsos ganhos comunitários, que impossibilitavam maior dignidade de vida.

Klingelhoefter teve seis filhos sendo a 1ª filha Karoline Klingelhoefter casada com Reinhard Frank, Johanna Sophia Klingelhoefter casada com José de Moura, George Karl Wilhem Hermann Klingelhoefter (único filho), também general farroupilha, Auguste Karoline Elise Klingelhoefter casada com Johann Georg Fayet (descendente do entrevistado) e Ernestine Wilhelmine Hedwig Klingelhoefter casada pela primeira vez com Nicholas Hasslocher, divorciou-se antes de 1857 e casou novamente, em Porto Alegre, com Wilhelm Bruegger. E Emilie, a única nascida no Rio Grande do Sul.

Klingelhoefter e a Revolução Farroupilha: algumas reflexões

Distante de discutir a Revolução Farroupilha na articulação de suas causas, consequências e conceitualização terminológica, a proposta é compreender a maneira pela qual se deu o envolvimento do Pastor

Klingelhoetter, posteriormente, "Pastor Farrapo", pastor mártir da causa republicana do Estado nesse episódio da história política do Rio Grande do Sul.

As rebeliões do período regencial no Brasil se caracterizam por sucessivos conflitos entre lideranças regionais e o governo imperial, principalmente, relacionados ao arrocho financeiro e reformas políticas. A Revolução Farroupilha é a mais longa (1835-1845), sendo que a participação de Klingelhoetter concentra-se na fase inicial da revolução (1835-1836), até a "Proclamação da República Rio-grandense" (1836). Este movimento cujo objetivo principal era reveses econômicos da elite gaúcha, patrocinada pelos exaltados, conquista uma série de adeptos que movidos por uma propaganda "republicana" prolongam o período revolucionário até 1845.

As razões que colaboram para a tomada de decisão de Klingelhoetter talvez estejam no amor pela terra, que o acolhera. O curato de almas gratuito durante muito tempo, na perspectiva republicana, alimentava a expectativa do ressarcimento de soldos devidos pelo Império, da liberdade religiosa e a busca pela igualdade e justiça dos imigrantes alemães na colônia, bem como a concessão de naturalização de todos os colonos.

Quando estoura a revolução o governo provincial encaminhara normativa para a província, informando que não seria lícito de forma alguma os colonos pegarem em armas para agredir o país em que foram acolhidos, sugerindo aos colonos que se agregaram ao conflito que abandonassem as armas e retomassem o trabalho na agricultura, tal posição foi ignorada por Frederico.

Hermann von Salisch, parecer desempenhado o papel de estopim na vida de Klingelhoetter. Em janeiro de 1836, Salisch se encontrava em Campo Bom e, infiltrado entre as forças legais, conseguiu convencer diversos dos seus patrícios a aderirem ao conflito. É por estes dias que se deu à adesão de Klingelhoetter às forças republicanas estacionadas (nas proximidades do atual bairro imigrante) em Campo Bom. Constata-se ainda, a importante atuação do Pastor Farrapo, em outra ocasião, quando coagiu a investida legalista de Mena Barreto, em Campo Bom, no 'Morro dos Schirmer', discursando no dialeto primitivo dos colonos que lutavam ao lado do império, levando-os a abandonarem as armas e retornarem às suas casas.

Pouco se sabe sobre o curto período em que Klingelhoetter combateu junto aos farroupilhas contra "os caramurus". Morreu degolado em combate

com as tropas imperiais em Freguesia Nova, perto de Triunfo, em 06 de novembro de 1838, quando procurava levar sua família para Rio Pardo a fim de protegê-la dos horrores da guerra.

Rezam os livros eclesiásticos de São Leopoldo que Klingelhoeffter foi enterrado no campo de batalha. Mais tarde, porém, trouxeram para Porto Alegre seus restos mortais e os de seu filho Hermann, “o mais intrépido dos farrapos”(Oberacker), também morto em combate (1845). A sepultura da família ainda existe no Cemitério Evangélico de Porto Alegre, ‘bem cuidado até hoje’ (Schröder) (HUNSCHE, 1977, p. 351).

A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 2009, aprovou documento sobre o referido Pastor, citando-o como pioneiro da Capelania Militar do Exército Brasileiro. A Capelania Militar Protestante foi organizada pela extinta Confederação Evangélica do Brasil em conjunto com o governo Brasileiro, para assistir os militares protestantes.

O primeiro pastor protestante a servir os militares brasileiros foi o alemão Luterano Friedrich Christian Klingelhöffer, pastor da Comunidade Protestante Alemã, na localidade de Campo Bom, no Rio Grande do Sul, em 1828. Dez anos depois Klingelhoeffter, integrado aos ‘Farrapos’, morreu em um combate da Revolução Farroupilha (SÃO PAULO, 2009).

O Pastor Farrapo morreu em meio aos distúrbios da Revolução Farroupilha, em 1838, lutando contra as tropas imperiais. Esse fato tem um significado especial, quando se fala a respeito de sua pessoa, pois, com toda a certeza, ele teve que enfrentar, por causa desse seu engajamento, a oposição dos membros da sua comunidade que eram fiéis ao Império. Jorge Carlos Hermann Klingelhoeffter, seu único filho homem, faleceu solteiro, numa escaramuça nas proximidades do Rio Uruguai, ao transpor o Rio Ibicuí, na Fazenda de Ipané, como capitão farroupilha, em 1845 (DREHER, 2002, p. 84). Contam que seus ideais ainda percorrem os pampas, vagueando em busca de justiça, igualdade e fraternidade que se renovam na aspiração daqueles que se

deixam fascinar por sua história.

Considerações finais

A esse trabalho, muitos outros devem ser somados, pois reúne, a partir de uma curiosidade, as informações referentes a Klingelhoetter. Trata-se da tentativa de reunir o maior número possível de dados e significados sobre Klingelhoetter, inserido na micro-história. O mais importante é que o trabalho estimule o interesse e seja capaz de despertar perguntas, afinal o trabalho historiográfico é algo que não se completa, esta em constante interpretação e reavaliação, não impedindo a continuidade da pesquisa e outra oportunidade.

Muitas surpresas surgiram com a pesquisa. Novas interrogações levaram a reconhecer em Louise, figura de destaque da mulher imigrante, no início do século XIX, em Campo Bom. Imaginemos o que não passou esta jovem imigrante, oriunda de uma família nobre, entregando-se ao desconhecido, resistindo a viagem para outro país, as agruras de perder esposo e filho na Revolução Farroupilha; coragem ou virtude ou talvez por saber da importância de sua função enquanto esposa de pastor? Enfim, reflexões que possibilitariam outra investigação.

Nossa história foi e é construída na ação de homens como Klingelhoetter, homens de seu tempo. Se para o Pastor a Revolução não atingiu o efeito desejado, bastou para que o Império brasileiro percebesse o Rio Grande do Sul e que nele havia homens mais que determinados, que batalhavam pela liberdade e igualdade de justiça perante as demais províncias brasileiras.

Referências

- AMADO, Janaína. A revolta dos Mucker. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- BLOCH, Marc. Introdução a História. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DREHER, Martin Norberto (Org). 500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional. Porto Alegre: Edições EST, 2002.
- HUNSCH, Carlos Henrique. O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Metrópole, 1977.

LANG, Guido. Campo Bom: História & Crônica - 1826/1996. Campo Bom: Papuesta, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: Educ, 1993.

PASAVENTO, Sandra Jathay. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REIS, José Carlos. Nouvelle Histoire e Tempo Histórico. São Paulo: Ática, 1994.

SÃO PAULO. Lei Nº 13.751, de 14 de outubro de 2009. In: <http://www.al.sp.gov.br/legislacao/lei/2009/lei%20n.13.751>

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. In Revista História Unisinos, São Leopoldo. 10 (8): 141-142, Jul./Dez. 2004.

Recebido em: 18 de setembro de 2011.

Aprovado em: 28 de fevereiro de 2012.